

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTÍCIAS DA ACTIVIDADE CULTURAL. ACTIVIDADE ARQUEOLÓGICA NACIONAL. CAMPANHAS DE ESCAVAÇÃO.

ALVES, José Maria Gomes

Ano: 1980 | Número: 90

Como citar este documento:

ALVES, José Maria Gomes, Notícias da Actividade Cultural. Actividade Arqueológica Nacional. Campanhas de Escavação. *Revista de Guimarães*, 90 Jan.-Dez. 1980, p. 427-434.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

ACTIVIDADE ARQUEOLÓGICA NACIONAL — CAMPANHAS DE ESCAVAÇÃO

CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES NA VILLA ROMANA DE S. CUCUFATE, CONCELHO DA VIDIGUEIRA — ALENTEJO

A equipa franco-portuguesa dirigida pelo Prof. R. Etienne, por Françoise Mayet e pelo Prof. J. Alarcão continuou em Agosto e Setembro de 1980 as escavações da villa romana de S. Cucufate. A atenção concentrou-se este ano na *pars rustica* da villa e na zona meridional onde, em 1979, se haviam descoberto restos de umas termas.

A *pars rustica* foi apenas parcialmente escavada, ignorando-se a extensão que poderá vir a ter. Em verdade, a parte escavada deixa ainda os escavadores na dúvida se se trata de instalações para os criados de lavoura, para o *villicus* ou para criados domésticos. Só a continuação dos trabalhos e a recuperação de mais vasta área permitirá interpretar correctamente o que se descobriu no verão de 1980.

Nesta zona da villa instalou-se o cemitério medieval dos frades que, nos meados do século XIII, se estabeleceram no edifício romano, transformando-o no convento de S. Cucufate ou S. Covado. Mais de 50 sepulturas na área da *pars rustica* contribuíram para a ruína e destruição de muros e pavimentos.

Na zona meridional da villa prosseguiu a escavação de umas termas provavelmente do século I, mantidas, com algumas transformações, até ao IV, data em que a villa foi inteiramente reconstruída com novo plano.

Noutros sectores da escavação a descoberta dos vestígios da villa do século I e, no jardim da fachada, a de um grande tanque que o refrescava.

Subsidiadas pela Fundação Calouste Gulbenkian e pelo Instituto Português do Património Cultural, estas escavações tiveram preciosa ajuda da Câmara Municipal da Vidigueira.

CAMPO ARQUEOLÓGICO DA SERRA DA ABOBOREIRA, CONCELHO DE BAIÃO — PORTO

Com a devida autorização permitimo-nos transcrever, como notícia, o teor da plaquete editada pelo município acima referido, a propósito dos importantes trabalhos arqueológicos que ali vem sendo realizados.

A serra da Aboboreira é um vasto *plateau*, de orientação aproximada NE-SW, no qual se encontram os concelhos de Amarante, Baião e Marco de Canaveses. Constitui uma espécie de contraforte granítico da serra do Marão, e é limitada, a NW, pelo rio Ovelha, a NE pelo rio Fornelo, e a SE pelo rio Ovil. Trata-se, na verdade, de um conjunto de chãs, como as do Castelo, Carvalho de Rei e de Parada, interrompidas por algumas elevações onde o granito aflora (frequentemente sob a forma de grandes bolas), a mais alta das quais correspondendo ao marco geodésico de Meninas (970 m. de altitude absoluta). Sendo o habitat concentrado, em algumas pequenas aldeias localizadas sobretudo na periferia da Serra, a impressão que colhe o viajante é a de um vasto espaço ermo, percorrido apenas, no tempo quente, por rebanhos de ovelhas e cabras, ou pequenas manadas de gado graúdo.

E no entanto, há uns cinco milhares de anos, este local foi escolhido pelos construtores de monumentos megalíticos para enterrarem os seus mortos, talvez não longe dos seus locais de habitação, certamente frágeis e temporários. Cerca de trinta mamoas, agrupadas em pequenos núcleos, pontuam as chãs; em algumas afloram ainda alguns esteios. Apenas um dólmen, porém, se manteve intacto, no centro do seu imponente *tumulus*; o dólmen de Chã de Parada (não longe da Fonte do Mel), conhecido monumento nacional. Ele é também, que sabemos, o único dólmen de corredor do conjunto, bem como o único que apresenta alguns esteios gravados.

Mais tarde, já durante a Idade do Bronze, tudo leva a crer que os flancos da Serra conheceram uma importante ocupação, certamente relacionada com o aproveitamento de pequenos vales apropriados ao cultivo (Monte

Calvo, Tapado da Caldeira) e, num caso (Alto da Caldeira), com a existência de morros que ofereciam condições naturais de defesa. A importante necrópole do Tapado da Caldeira, que revelou quatro sepulturas contendo, cada uma, um vaso funerário, pertence à Idade do Bronze Final e corresponde à penetração, na região do NW peninsular, possivelmente através do vale do Douro, de influências culturais provenientes da Meseta. São ainda abundantes, sobretudo na zona periférica da Serra, fossas abertas no saibro, normalmente de perfil ovóide, e cuja função se discute ainda (silos? sepulturas?). De qualquer modo, na zona do Monte Calvo parece estarem relacionadas com um habitat.

O Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira tem vindo a funcionar desde 1978, nele operando diversas equipas, em estreita colaboração, dirigidas por elementos do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto (Vítor Oliveira Jorge, Susana Oliveira Jorge), do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto (António Huet B. Gonçalves) e do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (Eduardo J. Lopes da Silva, Ana Leite da Cunha, Domingos de Jesus da Cruz, Maria de Jesus Sanches). As escavações têm contado com o apoio das Câmaras Municipais de Baião e de Amarante, da Direcção Escolar do Porto, do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, do Governo Civil do Porto, da Assembleia Distrital do Porto e da Secretaria de Estado da Cultura.

Uma nova campanha de trabalhos está a ser preparada para 1981. Entretanto, através deste meio solicitamos a toda a população que colabore na preservação do rico património arqueológico que o Campo tem revelado, para que este se possa transformar num verdadeiro Museu de ar livre.

ESCAVAÇÕES EM S. PEDRO DE CALDELAS,
CONCELHO DE TOMAR

O Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar (C. E. P. P. R. T.) retomou em 1980 — de 25 de Agosto a 13 de Setembro — os trabalhos anteriormente iniciados — 1977 — nesta estação luso-romana. Estes têm vindo a ser orientados pela Dr.^a Maria de La Salette da Ponte com a colaboração de jovens de diversos níveis etários.

Os apoios financeiros e logístico têm sido garantidos, pela Câmara Municipal e Regimento de Infantaria de Tomar.

No decurso dos trabalhos fez-se o reconhecimento de um edifício que ocupa actualmente uma área de 600 m². Desta construção, subsistem os alicerces de um pátio interior com um poço de boca estreita, de uma bacia pavimentada a *opus signinum* e de uma sala forrada a mosaico. Este último pavimento foi retirado na última campanha pela equipa técnica do Museu Monográfico de Conímbriga, a fim de se proceder à sua conservação e restauro. Na mesma ocasião, uma equipa do departamento de Engenharia e Minas da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra procedeu a uma prospecção magnética numa área próxima à das escavações, no sentido de se poder programar futuras sondagens e, eventualmente escavações nas zonas onde o registo de anomalias foi francamente positivo.

Até ao momento, verificou-se, com base nos trabalhos já efectuados que esta construção edificada no séc. I d. C. e, posteriormente ampliada, foi destruída no séc. IV-V d. C.

ANTIGA «VILLA CARDILIU», CONCELHO DE TOMAR

Localizada na região de Torres Novas a povoação romana de «Villa Cardiliu» tem sido objecto de estudos desde a sua descoberta em 1932 pela população de Santo António da Caveira, local onde ela se situa. Tem a sua designação consagrada desde 1936 altura em que foi descoberto no local um mosaico com o nome «Villa Cardiliu».

Os primeiros responsáveis pelos trabalhos de prospecção e escavação destes achados foram os falecidos arqueólogos Eugénio Jalhay e Afonso do Paço.

Retomadas as investigações em 1980 por especialistas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra — Instituto de Arqueologia — sob a responsabilidade directa dos arqueólogos Nunes Monteiro e António Quinteira foram descobertas um total de 650 peças de cerâmica, várias moedas e fragmentos de vidro do período entre os séculos I e IV, para além de parte da estrutura arquitectónica que constituiria a propriedade agrícola.

Há notícia que em 1981 se avançará com nova fase de escavações, prevendo-se também a realização de um Colóquio de esclarecimento da população, com vista na preservação dos achados.

ACHADOS ARQUEOLÓGICOS DA IDADE DO BRONZE, REBOLEIRA — AMADORA

Sob a orientação do arqueólogo João Ludgero Gonçalves, do Centro Cultural Roque Gameiro — Gabinete de Protecção do Património Cultural Regional e com o apoio da Câmara Municipal da Amadora, tem sido realizadas escavações arqueológicas na Reboleira, arredores da cidade.

Nestas escavações, cujos primeiros vestígios vem já de 1974, têm sido encontradas provas que se dizem seguras da existência de civilizações das Idades do Bronze e do Ferro.

Citam-se adornos de bronze, fibulas, contas de colar em vidro e vasos de cerâmica, alguns dos quais foi possível reconstituir quase na sua totalidade.

No decurso das investigações ao que parece ameaçadas por construções de natureza pública, detectaram-se alguns elementos funerários que levam a conjecturar a existência de necrópoles, onde contudo não aparecem esqueletos ou simples ossos dispersos.

Admite-se que o conjunto dos achados permite situar a estação no período proto-histórico.

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS EM GRUTAS DA REGIÃO DE TOMAR

Através do jornal «Cidade de Tomar» foi dado conhecimento público que se levou a efeito no mês de Setembro, uma campanha para o estudo pormenorizado da *LAPA DOS FUIROS* (Norte do Ágreal), da da *GRUTA DA AVECASTA* (Ferreira do Zêzere) e da *GRUTA DO CALDEIRÃO* (Pedreira), com o objectivo de se identificarem os horizontes cronológicos sucessivos da ocupação humana evidenciada e sua caracterização cultural.

Estes trabalhos decorreram sob a orientação de arqueólogos do *Grupo para o Estudo do Paleolítico Português* (GEP), que integraram estudantes universitários e professores do ensino secundário.

Segundo o GEP, a *Avecasta* é uma ampla gruta que teria sido utilizada como local de «habitat» de comunidades neolíticas, enquanto o abrigo da *Fonte do Caldeirão* é considerada uma cavidade que foi utilizada como necrópole. A *Lapa dos Furos* possui um importante depósito pleistocénico conservado, que ainda não se conhece em detalhe.

Esta campanha é da iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura, com o apoio do Instituto Português do Património e da Câmara Municipal de Tomar.

Acrescenta-se que na zona de Tomar se tem vindo a identificar uma série importante de cavidades, associadas ao vale do Nabão, as quais se presume terem sido ocupadas por comunidades pré-históricas ainda desconhecidas.

ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO FREIXO, MARCO DE CANAVESSES

De há muito que são conhecidos e muito numerosos os vestígios da ocupação romana na área de Canaveses, concelho do distrito do Porto, sendo certo que os materiais de construção aproveitados desse período são evidentes no local onde se acham bastante disseminados.

Contudo o verdadeiro arranque do trabalho de escavações incidiu no Lugar de Paleagas, daquele concelho, onde se admite como muito provável que terá sido o local de implantação da cidade de «Oncóbriga» de tempos remotos.

A confirmar-se esta suposição admite-se que estaremos na presença de uma estação arqueológica romana de grande envergadura.

O responsável por estes trabalhos tem sido o arqueólogo Dr. Lino Augusto que tem obtido o apoio de alguns professores da Faculdade de Letras do Porto.

São dele as seguintes palavras ao «Primeiro de Janeiro» e recentemente publicadas:

O que encontramos abre-nos duas hipóteses — ou estamos perante Termas de uma villae (propriedade rural romana) de certa envergadura, e este seria o seu balneário, ou o balneário faz parte do que seriam as termas de uma maior povoação. Inclínamo-nos, pela monumentalidade que já mostra, para a segunda hipótese.

A Câmara Municipal do Marco de Canaveses tem dado um grande apoio aos trabalhos de investigação e sabe-se que vai apoiar os trabalhos de escavação com a verba considerável de 700 contos, além de outras facilidades nomeadamente quanto a alojamento e manutenção das equipas de trabalho.

Procede-se neste momento a várias análises e estudos das cerâmicas encontradas, trabalho que foi confiado à Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.